

**O ESTADO DA TÉCNICA**

João Caraça

Director do Serviço de Ciência, Fundação Calouste Gulbenkian

Portugal vai nu

Há quem pense que o desemprego é uma coisa "natural", que acontece porque deve acontecer e que, por vezes, até é "útil". Nada mais falso, nem mais enganoso. Quem procurar saber o segredo do êxito das presidências de Reagan e de Clinton, por exemplo, verá que durante ambas se verificou uma forte, consistente e continuada descida das taxas de desemprego. Foi sobre esta base que se constituiu uma renovada confiança dos americanos nas instituições e na economia.

O emprego não é mais do que uma convenção, legitimada pelo Estado-Nação da modernidade, que consagra a venda do trabalho de um indivíduo a outro que, em contrapartida, o remunera e se apropria do fruto desse esforço. Sem a invenção deste vínculo de propriedade não teria havido acumulação capitalista.

Os clássicos não falavam de desemprego, mas de miséria e de misericórdia. Por este motivo, muitos combateram e morreram ao longo de todo o século XIX, até que finalmente fosse instituído o seguro popular obrigatório (na Alemanha de Bismarck), o primeiro instrumento de carácter nacional contra o desemprego.

Donde advém a importância que atribuímos ao espectro do desemprego? De um facto muito simples: o desemprego induz a impossibilidade de pensar o longo prazo. O desemprego torna o cidadão incapaz de conceber o futuro da família, de equacionar o lazer, ou de decidir sobre a compra de imobiliário, enfim, isola-o dos aspectos que o integram na sociedade em que vive. Impedido de definir qualquer estratégia, fica nu face ao futuro.

O desemprego é, pois, devastador para qualquer economia mo-

derna. É que o progresso de um país não se revela apenas através dos índices e dos indicadores económicos. Se só contassem os indicadores, nunca os nossos antepassados teriam conseguido sair das florestas ancestrais. A transformação com vista ao futuro depende, criticamente, do ânimo, das aspirações, das ambições e das estratégias dos agentes e das entidades que constituem o

todo social. Foi da concretização destas ideias que se alimentou a modernidade. Foi na mobilização desses sonhos com vista a criar melhores e mais justas condições de vida futura que se constituiu a noção de "serviço público". É o serviço público que gera a "confiança". Não há fronteiras rígidas entre o económico e o social, é impossível determinar em que ponto começa a economia e acaba a sociedade.

Esta necessidade de repor a questão do futuro foi directamente provocada pela leitura de "It's the Demography, Stupid", um artigo de Mark Steyn para pessoas com estômagos fortes, publicado no *Wall Street Journal* de 13 de Janeiro passado. Mas quem quiser reflectir sobre as questões demográficas de modo mais ponderado pode ler à vontade o capítulo 1 de "Após o Império", de Emmanuel Todd (Edições 70, Lisboa 2002). ■

O emprego não é mais do que uma convenção, legitimada pelo Estado-Nação da modernidade, que consagra a venda do trabalho de um indivíduo a outro